

Percepção da Equipe de Enfermagem: Processo de Morte e Morrer Durante a Pandemia Covid-19

Perception of the Nursing Team: Process of Death and Dying During the Covid-19 Pandemic

Claudia Patrícia Barbosa da Silva^a; Janaína Samantha Martins de Souza^a

^aFaculdade Nossa Senhora de Fátima. RS, Brasil

*E-mail: janasamantha@hotmail.com

Resumo

Durante a pandemia da Covid-19, muitos profissionais da saúde estiveram frente ao desconhecido, um vírus letal, causando-lhes sentimento de medo e incertezas, receio de serem contaminados e contaminarem seus familiares, deparando-se com um número de óbitos de pacientes contaminados jamais visto. Por isso, este estudo teve como objetivo identificar a percepção da equipe de enfermagem quanto ao processo morte e morrer no período da pandemia da Covid-19. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, de caráter descritivo, realizada por meio de levantamento a 59 profissionais da enfermagem atuantes na pandemia da Covid-19 na Atenção Básica no Estado do Rio Grande do Sul. Os principais resultados mostraram que a equipe de enfermagem está preparada para acolher as famílias no momento da morte do paciente. Além disso, os profissionais, mesmo vivenciando e vendo uma elevada quantidade de mortes, sentiram pesar com as mortes, mesmo ao longo do tempo, o que pode demonstrar o olhar humano desses profissionais, a empatia com a família e paciente, o cuidado com o outro. Conclui-se que a preparação da equipe de enfermagem para o momento de morte deve continuar e ser ampliada na graduação e em outros cursos para que esse profissional consiga acolher a família enlutada e exercer o cerne da sua função: cuidar.

Palavras-chave: Morte. Pandemia. Enfermagem. Luto.

Abstract

During the Covid-19 pandemic, many healthcare professionals were faced with the unknown, a lethal virus, causing them feelings of fear and uncertainty, fear of being contaminated and contaminating their families, facing an unprecedented number of deaths of contaminated patients. Therefore, this study aimed to identify the perception of the nursing staff about the process of death and dying in the period of the Covid-19 pandemic. This is a quantitative, descriptive research, carried out through a survey of 59 nursing professionals working in the pandemic of COVID-19 in Primary Care in the State of Rio Grande do Sul. The main results showed that the nursing team is prepared to welcome the families at the time of patient's death. Moreover, the professionals, even experiencing and seeing a high amount of deaths, felt sorrow with the deaths, even over time, which can demonstrate the human look of these professionals, the empathy with the family and patient, the care with the other. We conclude that the preparation of the nursing team for the moment of death must continue and be expanded in undergraduate and other courses so that this professional can welcome the bereaved family and exercise the core of their function: caring.

Keywords: Death. Pandemic. Nursing. Mourning.

1 Introdução

No ano de 2019, foi descoberto, após registros de casos na cidade de Wuhan, China, um novo vírus da família coronavírus (SARS-CoV-2). O vírus ocasionou a doença que recebeu a denominação de Covid-19, a qual se tornou um grave problema de saúde pública em âmbito mundial, com evolução rápida, desafiando tanto a população como os serviços de assistência à saúde (BRASIL, 2020).

Para atender tal demanda, diante de tantas incertezas e riscos, a enfermagem demonstrou uma prática baseada em evidências, colocando-se à frente no atendimento, competência e relacionamento, atuando no gerenciamento dos mais diversos níveis de atenção à saúde (PAIXÃO *et al.*, 2021). Os autores ressaltam que o papel histórico dos cuidados de enfermagem e o foco ao paciente, que atua ativamente na

linha de frente e, mesmo com as dificuldades e os riscos aos quais se expõem, exerce e representa sua função: cuidar.

A pandemia trouxe um cenário bastante diferente particularmente no contexto hospitalar, com expressivo aumento de mortalidade, tanto de profissionais que estavam na linha de frente quanto de pacientes. Em função das condições associadas à rápida transmissão do vírus e sem tratamento específico no momento houve a necessidade de diminuir o contato com os pacientes internados, situações que desencadearam muitas mudanças nas dinâmicas de interação e relação (FIOCRUZ, 2021).

Diante dessa realidade, é importante questionar se os enfermeiros estão preparados para orientarem a equipe nas circunstâncias da morte provocada pela Covid-19. Cada pessoa experiencia a morte e o processo de morrer de uma forma ímpar, e embora seja conhecido que as atitudes dos

enfermeiros se refletem na sua atuação, questiona-se no atual contexto pandêmico se as atitudes dos enfermeiros serão facilitadoras da vivência da morte e do processo de morrer (WALLACE *et al.*, 2020).

O momento da morte do paciente pode suscitar, nos profissionais, inúmeras emoções e reações, pois a ocorrência desse evento remete à lembrança da própria finitude. A morte é vista como inimiga vergonhosa e, quando ocorre, é percebida por muitos profissionais de enfermagem como um momento a ser combatido ou amenizado. A morte proporciona um sentimento de profundo desconforto, causando momentos de angústias, desesperos, dramas, revoltas e interrogações (LIMA; NIETSCHKE; TEIXEIRA, 2012).

Nesse contexto, o estudo teve como objetivo identificar a percepção da equipe de enfermagem quanto ao processo morte e morrer no período da pandemia da Covid-19.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

Este estudo se caracteriza como um estudo quantitativo, de caráter descritivo, realizado por meio de levantamento com 59 profissionais da enfermagem atuantes na pandemia de Covid-19 na Atenção Básica no Estado do Rio Grande do Sul.

Os critérios de inclusão foram: enfermeiros e técnicos de enfermagem que atuaram em hospitais durante a pandemia por Covid-19 no ano 2020; aceitar participar de forma voluntária e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido on-line. Os critérios de exclusão foram: não preencher o instrumento completamente; estar em férias ou atestado, não atender aos critérios de inclusão.

A coleta de dados foi realizada com aplicação de um questionário elaborado pelas próprias autoras, contendo 22 questões, de forma on-line, disponibilizado a partir de plataformas virtuais como Instagram®, Facebook® e WhatsApp® entre os meses de setembro e outubro de 2022.

Após a coleta de dados, que resultou em 61 questionários, 2 foram excluídos por pertencerem a pessoas que não eram da área da saúde. Portanto, este estudo resultou em 59 questionários válidos.

Na sequência, os dados foram tabulados em Excel® e analisados por meio da frequência relativa e absoluta.

A pesquisa foi disponibilizada juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O presente estudo seguiu a Resolução nº 466, publicada em 12 de dezembro de 2012, pelo Conselho Nacional de Saúde, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino, CAAE nº 61089722.0.0000.5523.

2.2 Resultados e discussão

A amostra estudada foi composta por 59 respondentes, destes 28 são técnicos de enfermagem e 31 enfermeiros. Sendo 56 do gênero feminino (94,9%) e 3 do masculino (5,1%). Quanto à faixa etária, 39% possuem entre 18 e 30 anos, 32,2%

entre 31 e 40 anos, 15,3% entre 41 e 50 anos, e 13,6% acima de 51 anos. Com relação ao estado civil, a predominância é de pessoas solteiras (45,8%) e casadas (35,6%).

Sobre a cidade na qual residem, a maioria é de Caxias do Sul, representando 76,3% da amostra total. Sobre a escolaridade, 16,9% possuem curso técnico completo, 30,5% possuem Ensino Superior incompleto, 11,9% Ensino Superior completo, 30,5% pós-graduação e 10,2% mestrado. Os dados estão no Quadro 1.

Quadro 1 - Caracterização da amostra (Caxias do Sul, 2022)

	n	%
Gênero		
Feminino	56	94,9
Masculino	3	5,1
Idade		
18 a 30 anos	23	39,0
31 a 40 anos	19	32,2
41 a 50 anos	9	15,3
51 anos ou mais	8	13,6
Estado civil		
Solteiro	27	45,8
Casado	21	35,6
União estável	7	11,9
Divorciado	3	5,1
Outro	1	1,7
Cidade onde reside		
Caxias do Sul	45	76,3
Farroupilha	6	10,2
Porto Alegre	7	11,9
Vale Real	1	1,7
Escolaridade		
Ensino técnico completo	10	16,9
Ensino Superior incompleto	18	30,5
Ensino Superior completo	7	11,9
Pós-graduação	18	30,5
Mestrado	6	10,2

Fonte: dados da pesquisa.

A pesquisa também investigou as características do trabalho durante a pandemia (Quadro 2). Com relação à carga horária durante o momento da pandemia, 16,9% dos profissionais informaram que trabalhavam 6 horas diárias, 44,1% 8 horas diárias, 3,4% 10 horas diárias e 35,6% 12 horas diárias. Quanto ao local de trabalho, houve predominância de pessoas que trabalhavam na CTI (22%), Unidades Básicas de Saúde (22%), Internação (11,9%), Bloco Cirúrgico (11,9%) e administrativo (10,2%).

Quadro 2 - Trabalho na pandemia

	n	%
Carga horária na pandemia		
6 horas	10	16,9
8 horas	26	44,1
10 horas	2	3,4
12 horas	21	35,6
Local onde trabalhou na pandemia		

	n	%
CTI	13	22,0
Unidade Básica de Saúde	13	22,0
Internação	7	11,9
Bloco cirúrgico	7	11,9
Administrativo	6	10,2
Pronto atendimento	3	5,1
Consultório	1	1,7
Saúde mental	1	1,7
Emergência/PS	1	1,7
Laboratório	1	1,7
UTI	1	1,7
SCIH	1	1,7
Hospital de campanha	1	1,7
Casa geriátrica	1	1,7
CME	1	1,7
Farmácia	1	1,7
Foi realizado algum treinamento sobre Covid-19		
Sim	49	83,1
Não	10	16,9
Qual desses treinamentos foi oferecido (múltipla escolha)		
Uso de EPIs	49	100,0
Manejo clínico de pacientes	29	59,2
Protocolo de remoção do corpo	21	42,9
Como lidar com o luto	7	14,3
Como prestar assistência ao familiar do paciente	7	14,3
Emocional e apoio	1	2,0
Não responderam	10	16,9

Fonte: dados da pesquisa.

Quando questionados se foi realizado algum treinamento sobre Covid-19, 83,1% dos profissionais (n = 49) indicaram que sim, enquanto 16,9% (n = 10) não tiveram. Sobre o tipo de treinamento recebido, todos (100%) informaram que receberam treinamento de uso de EPI's, 59,2% manejo clínico dos pacientes, 42,9% protocolo de remoção do corpo, 14,3% como lidar com o luto, 14,3% como prestar assistência ao familiar do paciente e 2% treinamento emocional e apoio.

Esses achados divergem de Paiano *et al.* (2020), que observaram que a insuficiência de treinamentos e equipamentos de proteção individual no combate à Covid-19.

A necessidade de treinamento para que a enfermagem brasileira estivesse pronta para atuar junto a pandemia da Covid-19 também foi percebida por Gomes *et al.* (2021). Os autores explicaram que o treinamento em EPI's trazem proteção e segurança, mas precisam estar acompanhados de formação técnica e conhecimento, bem como segurança, respeito e valorização dos profissionais de enfermagem.

A pesquisa também buscou identificar aspectos da morte durante a jornada de trabalho (Quadro 3) e 84,7% informaram que viram pacientes morrerem em função da Covid-19, enquanto 15,3% não presenciaram esse fato.

Quadro 3 - Morte no trabalho

	n	%
Viu pacientes morrerem em função da contaminação da Covid-19		
Sim	50	84,7
Não	9	15,3
Percepção quanto à quantidade de morte durante a pandemia		
Sentiu com pesar as mortes	45	76,3
Sentiu com pesar as mortes no início, mas, com o tempo, o sentimento diminuiu	12	20,3
Não sentiu o pesar das mortes	2	3,4
Após vivenciar as mortes por Covid-19 dos pacientes...		
Sentiu com pesar as mortes	44	74,6
Sentiu com pesar as mortes no início, mas, com o tempo, o sentimento diminuiu	12	20,3
Não sentiu o pesar das mortes	3	5,1
Alteração no emocional durante ou após passar pelo enfrentamento da Covid-19		
Sim	56	94,9
Não	3	5,1
Quais alterações		
Sensação de impotência	44	74,6
Ansiedade	42	71,2
Medo	34	57,6
Tristeza	33	55,9
Abatimento	16	27,1
Depressão	9	15,3
Choro excessivo	3	5,1
Raiva	1	1,7

Fonte: dados da pesquisa.

Com relação à percepção das quantidades de mortes ocorridas durante a pandemia, 76,3% (n = 45) indicaram que sentiram com pesar as mortes, 20,3% (n = 12) sentiram com pesar as mortes no início, mas, com o tempo, o sentimento diminuiu e 3,4% (n = 2) não sentiram pesar. Já com relação à vivência das mortes dos seus pacientes por Covid-19, 74,6% (n = 44) sentiram com pesar as mortes, 20,3% (n = 12) sentiram com pesar as mortes no início, mas, com o tempo, o sentimento diminuiu e 3,4% (n = 3) não sentiram pesar.

Esse resultado diverge, em parte, dos pesquisadores Wallace *et al.* (2020) que esperavam que, ao final da vigência da pandemia de Covid-19, seria possível que muitas pessoas conseguissem elaborar o luto e se adaptar relativamente bem às transformações ao passo que outras não. Uma justificativa é que a complexidade do contexto da pandemia de Covid-19 pode ter impactado no processo de luto de diferentes formas, uma vez que, em alguns casos, a situação se agrava rapidamente e o paciente vai a óbito, não possibilitando a preparação emocional para a perda (BAJWAH *et al.*, 2020).

Sobre o sentimento de alteração no emocional durante ou após passar pelo enfrentamento da Covid-19, 94,9% afirmaram

sentir, enquanto 5,1% não perceberam tal alteração. As principais alterações relatadas (questão de múltipla escolha) foram: sensação de impotência (74,6%), ansiedade (71,2%), medo (57,6%), tristeza (55,9%) e abatimento (27,1%).

Esse resultado confirma, em parte, os achados de Rocha *et al.* (2021), que relataram que, no enfrentamento da pandemia da Covid-19, as vivências do luto foram permeadas por sentimentos de medo, desamparo, desesperança, sofrimento moral, estresse, ansiedade, sintomas depressivos, Burnout e impotência.

A última parte da pesquisa explorou o conhecimento e preparação do profissional de enfermagem no momento da morte, como lidar com essa (Quadro 4). Sobre o conhecimento adquirido na graduação para lidar com o processo de morte do paciente, 67,8% (n = 40) indicaram que aprenderam e 32,2% (n = 19) não. Nesse sentido, o estudo perguntou sobre a importância de ter orientações de como lidar com a morte dos pacientes e 98,3% responderam positivamente.

Quadro 4 - Conhecimento e preparação para lidar com a morte

	n	%
Apreendeu como lidar com o processo de morte do paciente durante a graduação		
Sim	40	67,8
Não	19	32,2
Acha importante ter orientações de como lidar com a morte dos pacientes		
Sim	58	98,3
Não	1	1,7
Sabe como lidar com o processo de morte do paciente		
Sim	43	72,9
Não	14	23,7
Depende muito das circunstâncias	1	1,7
Mais ou menos	1	1,7
Conseguiu dar um suporte aos familiares durante a morte de um paciente		
Às vezes	28	47,5
Sim	20	33,9
Não	11	18,6
Ação ao se deparar com a finitude humana, durante o processo de morrer de um paciente		
Procura a família do paciente	33	55,9
Limita-se à execução dos procedimentos técnicos necessários	20	33,9
Se distancia	6	10,2
Você perdeu algum familiar de Covid-19		
Não	44	74,6
Sim	15	25,4
Se perdeu, qual foi essa sensação		
Impotência	10	66,7
	n	%

	n	%
Medo	3	20,0
Desespero	2	13,3

Fonte: dados da pesquisa.

Esse resultado corrobora e reforça com Lima, Nietzsche e Teixeira (2012), que indicaram que fomentar a discussão acerca do processo de morrer e da morte em si possibilita reforçar a necessidade de se desconstruir, construir e reconstruir novos pilares para os conteúdos curriculares. Além disso, os autores destacam que investigar a morte e o morrer, como parte da existência no contexto da formação do enfermeiro, é uma importante contribuição para torná-lo um profissional crítico, reflexivo, criativo e humanista.

Outros estudos divergem do que foi encontrado no presente estudo quando relatam que, durante a formação acadêmica do enfermeiro, o tema “morte” é pouco abordado, sendo dada uma grande ênfase à cura e ao tratamento da enfermidade do paciente (ROCHA *et al.*, 2017). Pouco se fala a respeito do campo das emoções, das perturbações e das mudanças que a possibilidade da morte acarreta (JARDIM *et al.*, 2011).

Similarmente, Santos e Hormanez (2013) descreveram que, muitas vezes, observa-se, nos acadêmicos, durante a realização de suas práticas, que envolvem um paciente que está morrendo, o conflito entre o impulso de fugir e o dever de ficar para ajudar. É assim que se nota a sensação de despreparo, uma vez que a limitação de informação e conhecimentos específicos deveriam ser construídos durante a formação profissional. Retorna-se, desse modo, para a ideia de que o espaço acadêmico é um local de importância para o início de um exercício reflexivo em torno das questões referentes ao processo de morte e morrer (SCHIAVON *et al.*, 2016).

Na sequência, questionou-se se o profissional sabia como lidar com o processo de morte do paciente e 72,9% (n = 43) indicaram que sim, 23,7% (n = 14) não sabiam, um respondente indicou que dependia das circunstâncias e outro relatou que sabia mais ou menos. Quando questionados se conseguiram dar suporte aos familiares durante a morte de um paciente, 47,5% (n = 28) indicaram que às vezes, 33,9% (n = 20) conseguiram e 18,6% (n = 11) não conseguiram.

Esses achados corroboram com Rocha *et al.* (2017), quando mencionaram que, de maneira geral, os profissionais de saúde são educados e preparados para lidar com a vida, proporcionando soluções para os problemas em direção ao bem-estar e à saúde das pessoas.

Ainda, questionou-se qual ação o profissional realiza ao se deparar com a finitude humana, durante o processo de morrer de um paciente e 55,9% (n = 33) informaram que procuram a família do paciente, 33,9% (n = 20) se limitam à execução dos procedimentos técnicos necessários e 10,2% (n = 6) se distanciam.

A procura para informar a família sobre o óbito do paciente corrobora com Luiz *et al.* (2020), que descreveram que esses profissionais são protagonistas dos serviços de saúde,

atuando na linha de frente e são os que estão mais próximos dos familiares e amigos no período de adoecimento e no processo de luto (EVANGELISTA *et al.*, 2021). Dessa forma, a humanização pode ser um meio de enfrentar o luto no qual a família precisa ser incluída na sistematização da assistência de enfermagem (SILVA *et al.*, 2020).

Finalmente, o estudo investigou se o profissional perdeu algum familiar de Covid-19 e 74,6% indicaram que não, enquanto 25,4% perderam algum familiar. Destes que perderam, as sensações informadas foram: impotência (66,7%), tristeza (26,7%), medo (20%) e desespero (13,3%).

Esse resultado vai ao encontro do que relatou Oliveira *et al.* (2020), quando mencionaram que os profissionais da enfermagem também enfrentam essas condições de medo e luto no ambiente domiciliar, perdendo muitos familiares e amigos para a Covid-19. Para superação desses desafios, é recomendado planejamento das atividades e autocuidado dos profissionais para a saúde mental.

3 Conclusão

A partir dos resultados, foi possível perceber que a equipe de enfermagem tem facilidade para acolher as famílias no momento da morte do paciente.

Sendo que a formação proporcionada na graduação e os treinamentos para lidar com os pacientes na pandemia podem ter colaborado para a preparação desse profissional, que informou que consegue acolher e ajudar as famílias no momento do óbito.

Outro resultado interessante encontrado foi que os profissionais, mesmo vivenciando e vendo uma elevada quantidade de mortes, sentiram pesar com as mortes, mesmo ao longo do tempo, o que pode demonstrar o olhar humano desses profissionais, a empatia com a família e paciente, o cuidado com o outro. Dessa forma, o que se percebe é que o preparo para lidar com a morte não torna esse profissional acostumado com o fato, mas que possibilita que ele consiga agir, independentemente do seu sentimento.

Conclui-se que a preparação da equipe de enfermagem para o momento de morte deve continuar e ser ampliada na graduação e em outros cursos para que esse profissional consiga acolher a família enlutada e exercer o cerne da sua função: cuidar.

Como limitação foi o número da amostra e a abordagem apenas nos profissionais de enfermagem e não as famílias. Portanto, novos estudos poderão investigar a família enlutada e identificar a percepção acerca do cuidado da equipe de enfermagem no momento da morte. Ainda, poderão explorar a percepção da morte da equipe de enfermagem e comparar

com os achados desta pesquisa.

Referências

- BAJWAH, S. *et al.* Managing the supportive care needs of those affected by COVID-19. *Euro. Respir. J.*, v.55, n.4, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 – Covid-19. Brasília: MS, 2020.
- EVANGELISTA, B.P. *et al.* Além dos “meus pêsames”: contribuições da enfermagem frente ao luto durante a pandemia da COVID-19. *RIEC*, v.4, n.3, 2021.
- FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Pesquisa analisa o impacto da pandemia entre profissionais de saúde. 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude#:~:text=Os%20dados%20revelam%20que%20a,correspondendo%20a%205%2C7%25>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- GOMES, M.P. *et al.* Impressões da equipe de enfermagem acerca da pandemia da COVID-19. *Global Acad. Nurs. J.*, v.2, n.1, p.e66-e66, 2021. doi: <https://doi.org/10.5935/2675-5602.20200066>.
- LIMA, M.G.R.; NIETSCH, E.A.; TEIXEIRA, J.A. Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiros. *Rev. Eletr. Enferm.*, v.14, n.1, p.181-188, 2012.
- OLIVEIRA, E.N. *et al.* “Aquele adeus, não pude dar”: luto e sofrimento em tempos de COVID-19. *Enferm. Foco*, v.11, n.2, p.55-61, 2020.
- PAIANO, M. *et al.* Saúde mental dos profissionais de saúde na China durante pandemia do novo coronavírus: revisão integrativa. *Rev. Bras. Enferm.*, v.73, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0338>.
- PAIXÃO, G.L.S. *et al.* Estratégias e desafios do cuidado de enfermagem diante da pandemia da covid-19. *Braz. J. Develop.*, v.7, n.2, p.19125-19139, 2021.
- ROCHA, D.D. *et al.* Sentimentos vivenciados pelos profissionais de Enfermagem diante de morte em unidade de terapia intensiva neonatal. *Mental*, v.11, n.21, p.546-560, 2017.
- SANTOS, M.A.; HORMANEZ, M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v.18, p.2757-2768, 2013. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900031>.
- SCHIAVON, A.B. *et al.* Health workers coping with having a relative in palliative care for cancer. *Rev. Gaúcha Enferm.*, v.37, 2016.
- SILVA, M.C.N. *et al.* Enfermagem e a pandemia da covid-19: uma conjugação entre liderança e vulnerabilidade profissional. *Enferm. Foco*, v.11, n.2, p.1-5, 2020. doi: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n2.ESP.4436>.
- WALLACE, C.L. *et al.* Grief during the COVID-19 pandemic: considerations for palliative care providers. *JPSM*, v.60, n.1, p.e70-e76, 2020. doi: <https://dx.doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>.